

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

A lista da cobiça

• Falar no olho gordo estrangeiro sobre a Amazônia virou coisa de jurássicos. Fechar os olhos à corrida pelo domínio da biotecnologia, num país campeão em biodiversidade como o Brasil, deve ser coisa de gigante adormecido, diz o senador Tião Viana (PT-AC), examinando a lista dos sete laboratórios multinacionais que têm projetos prontos para desenvolver pesquisas na região.

Antes de falar da cobiça, vale recordar o que somos, em termos de natureza, depois de tantos balanços sobre o que nos tornamos, em cultura, depois de 500 anos. O Brasil é um dos 16 países classificados como megadiversos pelo relatório "Conservation International", de 1997. É o primeiro em diversidade de plantas, peixes de água doce e mamíferos; o segundo na de anfíbios; e o terceiro na de répteis. Temos 55 mil espécies vegetais, ou 22% do total conhecido no planeta. E ainda 524 mamíferos, 517 anfíbios, 1.622 pássaros e 468 répteis.

Um pedaço do Éden para a pesquisa de princípios ativos para novos medicamentos e cosméticos. Do veneno das cobras vêm hoje os mais modernos anti-hipertensivos e imunodepressores. E a Amazônia é o grande serpentário do mundo. Melhor ainda, lá, as populações tradicionais (índios, caboclos e parentes mais próximos de Adão e Eva) dominam, desde antes de Cabral, o uso medicinal de muitas espécies. É chegar, pegar e patentear.

Na lista de empresas que estão requerendo ingresso, pedida pelo senador Tião Viana a Mary Allegretti, secretária de Coordenação da Amazônia do Ministério do Meio Ambiente, estão 14 empresas, a maioria estrangeiras. São sete laboratórios (Achée, Glaxo, Novartis, Merck, Biosintética, Eurofarma e Vallée) e empresas de cosméticos afamadas, como a Body Shopp e a Procter&Gamble (além de

nacionais, como a Natura e Boticário). O Ministério do Meio Ambiente protela, esperando que o Congresso vote a lei de acesso à biodiversidade, da senadora Marina Silva (PT-AC). Mas outras autoridades do Governo, na área "mais globalizante", louvam o interesse e provável ingresso das multinacionais dos remédios na Amazônia. Novos medicamentos serão produzidos, dizem, e isso será bom para o mundo e para nós. Em termos.

Os laboratórios não pensam no mundo quando patenteiam suas marcas. O SUS gasta milhões de dólares pagando *royalties* sobre medicamentos de uso contínuo, como os que são usados pelos portadores de HIV.

Se já houvesse a lei de acesso, eles poderiam começar já, mas observando interdições. Por exemplo, não patentear o que já é, para usar expressão que apreciam, "propriedade intelectual" de índios e populações tradicionais.

À pressa para entrar agora, diz o senador do Acre, é para aproveitar o vazio legal, produto do descaso e da cegueira que nega prioridade ao tema (seja ao projeto de Marina ou ao Proben, programa do ministério para o uso sustentável da biodiversidade da Amazônia).

— Não enxergamos o corredor do Terceiro Milênio à nossa frente, obcecados que estamos por ajustes fiscais e outros discursos pseudo-modernos — lamenta Tião Viana.

INSTITUTO	
Documentação	
Fonte	O Globo
Data	29/4/2000 Pg 2
Class.	104